

## **Australian Senator wants to question Government about support for Timorese oil project**

Dili, 21 Nov 2019 (Lusa) - An Australian senator said today it would be one of the “biggest blunders” of his country’s foreign policy not to support Timor-Leste’s development projects for the South Coast oil corridor, a project known as Tasi Mane.

“If, in fact, it is Timor-Leste’s wish to move forward with the Tasi Mane project and if Australia decides to simply ignore it or to not get involved, it is very possible that the Chinese will get involved,” Senator Rex Patrick from Center Alliance told LUSA.

“Not helping Timor-Leste with the Tasi Mane project and having the Chinese back it could become one of Australia’s biggest strategic blunders,” he said.

On Monday, the Australian Senate votes on a motion by Rex Patrick calling for a broad inquiry into possible Australian Government support to Timor-Leste for Tasi Mane.

Rex Patrick explained that the survey aims to analyze “the assistance and cooperation given to date” by the Australian Government to the Timor-Leste project, and to determine “possible future Government support and collaboration” with Tasi Mane.

The senator wants to ascertain “opportunities for Australian industry to support project design, development and execution” and to determine opportunities “with regard to incidental activities and projects” of Tasi Mane.

“In fact what you want to do is analyze what can be done, put on the table what you can do and then see what should be done or not,” he said.

The Senator stresses that if Tasi Mane is, as Canberra argues, “the most risky option,” then Australia “should try to minimize these risks and complication by giving as much support as possible.”

In the motion notification, Rex Patrick refers to the context of the ratification of the permanent maritime boundary treaty between the two countries and the exploration of the Greater Sunrise fields, with the option of gas processing in Darwin or the south coast of Timor-Leste.

In Timor-Leste this processing would be carried out as part of a project, for which the Government is currently looking for investors, known as Tasi Mane, which would create, according to Patrick “a petroleum infrastructure corridor” in the south.

The upstream component of the project will be carried out by a consortium where Timor-Leste oil company TimorGap has majority capital and also Australian Woodside and Japanese Osaka Gás.

Rex Patrick recalls a clarification given last September in the Senate by the Australian Ministry of Foreign Affairs on this issue, which stated that “Australia wants Greater Sunrise to be developed in a commercially viable manner.”

Such development has to be done “in a way that maximizes returns for the parties and thus contributes to Timor-Leste’s economic development priorities,” noted the Australian Government.

The Greater Sunrise project is the largest investment ever made by the Timorese Government, which has already used \$ 650 million from the Petroleum Fund to buy a majority stake in the consortium that will realize the upstream component of the project.

Francisco Monteiro, president of the Timor Gap oil company - which bought the stake on behalf of the Timor-Leste state - said at the time that Timor-Leste wants to avoid using the Petroleum Fund to finance capital costs of up to US \$12 billion for the development of the project.

After production starts, a financial return of up to \$28 billion is expected, he said.

Overall, including Greater Sunrise, Timor Gap says the country has a potential equivalent to more than 6.3 billion barrels of oil to be exploited over the next 50 years, with a value of \$378 billion.

This exploration potential could represent an injection of \$223 billion into the economy, in services such as engineering, development, maintenance and operations, and tax benefits and public revenues of over \$47 billion.

ASP // SB Lusa / End

## **Senador australiano quer questionar Governo sobre apoio a projeto petrolífero timorense**

Díli, 21 nov 2019 (Lusa) Um senador australiano considerou hoje que seria um “dos maiores disparates” da política externa do seu país não apoiar os projetos de Timor-Leste para o desenvolvimento do corredor petrolífero da costa sul, projeto conhecido como Tasi Mane.

“Se, de facto, é vontade de Timor-Leste, avançar com o projeto Tasi Mane e se a Austrália decidisse simplesmente ignorá-lo ou não se envolver, é muito possível que os chineses se envolvam”, disse à Lusa Rex Patrick, senador da Centre Alliance.

“Não ajudar Timor-Leste com o projeto de Tasi Mane e ter os chineses a apoiar pode transformar-se num dos maiores disparates estratégicos da Austrália”, sublinhou.

Na segunda-feira, o senado australiano vota uma moção de Rex Patrick que defende a realização de um inquérito alargado sobre eventuais apoios do Governo australiano a Timor-Leste para Tasi Mane.

Rex Patrick explicou que o inquérito pretende analisar “a assistência e cooperação dadas até hoje” pelo Governo australiano ao projeto timorense, e determinar “possíveis apoios e colaborações futuras do Governo” a Tasi Mane.

O senador quer apurar “oportunidades de a indústria australiana apoiar no desenho, desenvolvimento e execução” do projeto e determinar oportunidades “relativamente a atividades e projetos incidentais” a Tasi Mane”.

“De facto o que se pretende é analisar que pode ser feito, colocar na mesa o que é possível fazer e depois ver o que deve ser feito ou não”, disse.

O senador sublinha que se Tasi Mane é, como argumenta Camberra, “a opção que envolve mais risco”, então a Austrália “deveria tentar minimizar esses riscos e complicação dando o máximo de apoio possível”.

Na notificação de moção, Rex Patrick refere o contexto da ratificação do tratado de fronteiras marítimas permanentes entre os dois países e da exploração dos campos de Greater Sunrise, com opção do processamento do gás em Darwin ou na costa sul de Timor-Leste.

Em Timor-Leste esse processamento seria levado a cabo no quadro de um projeto, para o qual o Governo está atualmente à procura de investidores, conhecido como Tasi Mane, que criaria, segundo Patrick “um corredor de infraestruturas petrolífera” na zona sul.

O componente ‘upstream’ do projeto será levado a cabo por um consórcio onde a petrolífera timorense Timor-Gap tem capital maioritário e de que fazem parte também a australiana Woodside e a japonesa Osaka Gás.

Rex Patrick recorda uma clarificação dada em setembro último no Senado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros australiano sobre esta matéria, que afirmou que “a Austrália quer que o Greater Sunrise seja desenvolvido de forma comercialmente viável”.

Esse desenvolvimento tem que ser feito de “forma a maximizar o retorno para as partes e, assim, contribua para as prioridades de desenvolvimento económico de Timor-Leste”, notou o Governo australiano.

O projeto do Greater Sunrise constitui o maior investimento de sempre do Governo timorense, que já utilizou 650 milhões de dólares do fundo petrolífero para comprar uma participação maioritária no consórcio que vai realizar o componente de ‘upstream’ do projeto.

Francisco Monteiro, presidente da petrolífera Timor Gap que comprou a participação em nome do Estado timorense - disse na altura que Timor-Leste quer evitar recorrer ao Fundo Petrolífero para financiar os custos de capital de até 12 mil milhões de dólares norte-americanos (cerca de 11 mil milhões de euros) para o desenvolvimento do projeto.

Após o início da produção, é esperado um retorno financeiro que pode alcançar os 28 mil milhões de dólares (24,7 mil milhões de euros), explicou.

Globalmente, incluindo o Greater Sunrise, a Timor Gap diz que o país tem um potencial equivalente a mais de 6,3 mil milhões de barris de petróleo por explorar nos próximos 50 anos, com um valor de 378 mil milhões de dólares (cerca de 334 mil milhões de euros).

Esse potencial de exploração poderá representar uma injeção de 223 mil milhões de dólares (197 mil milhões de euros) na economia, em serviços como engenharia, desenvolvimento, manutenção e operações, e benefícios fiscais e rendimentos públicos de mais de 47 mil milhões (41 mil milhões de euros).